

Morte e Vida Severina: palavras e imagens entrelaçadas

Morte e Vida Severina: intertwined words and images

Ana Paula Quarantani

Mestre em Linguística Aplicada Universidade de Taubaté - SP.
quarantaniap@gmail.com

Maria Aparecida Garcia Lopes-Rossi

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas.
Professora Assistente-Doutor da Universidade de Taubaté - SP
lopesrossi@uol.com.br

Resumo: O tema deste artigo é a leitura literária na escola como experiência individual, social e histórica, em diálogo com a fotografia. Especificamente, relata-se um projeto com 54 alunos do 9º ano de uma escola pública da cidade de São Paulo, cujo objetivo foi promover a leitura do livro *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, em diálogo com imagens do fotógrafo Sebastião Salgado e com fotos produzidas pelos alunos. O trabalho fundamentou-se em perspectivas atuais sobre didática da literatura e no conceito bakhtiniano de dialogismo e da verbo-visualidade, desenvolvendo-se em duas etapas: primeiramente, leitura da obra em diálogo com fotografias feitas por Sebastião Salgado e, em seguida, produção pelos alunos de 60 fotos de “vida Severina” observada no bairro. Como resultado, destacam-se a efetiva participação dos alunos e a articulação da leitura com a vida, a história de parte dos brasileiros e o contexto sócio-histórico atual.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Verbo-visualidade. Dialogismo. Morte e Vida Severina.

Abstract: The theme of this article is the literary reading in the school as an individual, social and historical experience in dialogue with photography. Specifically, is reported a project with 54 students from the 9th grade of a public school in São Paulo, that objective was to promote the reading of the book *Morte e Vida Severina*, by João Cabral de Melo Neto, in dialogue with images of the photographer Sebastião Salgado and the students' pictures. The aim was based on current perspectives on didactics of literature and on the Bakhtinian concept of dialogism and verb-visibility, developed in two stages: first, reading the book in dialogue with photographs made by Sebastião Salgado and then production of 60 pictures of “Severine life” observed by the students in the neighborhood. As a result, stood out the effective participation of students and the articulation of the context of Brazilians and the current socio-historical context.

Key words: Reading. Literature. Verbo-visibility. Dialogism. Morte e Vida Severina.

Introdução

Num contexto da Educação Básica brasileira em que “a literatura na escola resiste às mudanças e se vê relegada a lugar secundário e sem força na formação das crianças, dos adolescentes e dos jovens” (DALVI; REZENDE; JOVER-FALEIROS, 2013, p. 9), este artigo expõe e comenta um projeto de leitura literária na escola como experiência individual, social e histórica, em diálogo com a fotografia. Essa prática pedagógica ilustra uma possibilidade de vivência de leitura literária na sala de aula e pode inspirar outros projetos que contribuam para concretizar o letramento literário dos alunos.

O projeto “Morte e Vida Severina: palavras e imagens entrelaçadas” foi desenvolvido em 2014, com 54 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Arquiteto Luis Saia, situada na região central do bairro de São Miguel Paulista, na zona leste da cidade de São Paulo. Seu objetivo foi promover a leitura do livro *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, em diálogo com imagens do fotógrafo Sebastião Salgado e com fotos produzidas pelos alunos a partir da observação das ruas do bairro.

Teoricamente, fundamentou-se em perspectivas atuais sobre literatura e didática da literatura (CÂNDIDO, 2011; DALVI, 2013; PAULINO; COSSON, 2009; ROUXEL, 2013; ZILBERMAN, 2009), no conceito bakhtiniano de dialogismo e da verbo-visualidade (BAKHTIN, 2011, 2014; FIORIN, 2006, 2007; BRAIT; PISTORI, 2013) e na leitura de fotografia (CIAVATTA; ALVES, 2008). Desenvolveu-se ao longo do segundo semestre de 2014, em duas etapas: primeiramente, realizou-se a leitura da obra num contexto de confiança, respeito e de trocas de percepções e interpretações por parte de alunos e professora, a partir de outras experiências de leitura e de conhecimentos de mundo. Dessa forma, os alunos puderam construir sentidos e estabelecer um diálogo entre o livro e fotografias feitas por Sebastião Salgado em suas obras “Terra” e “Êxodos”. Em seguida, os alunos foram convidados a um olhar mais atento às ruas do bairro, particularmente a cenas do que considerassem “vida Severina”. A partir dessa observação, produziram 60 fotos. As fotos foram expostas na sala de multimídia da unidade escolar para o acesso dos alunos, professores e visitantes.

Na sequência, apresentam-se fundamentos teóricos que embasam essa prática pedagógica e o relato do trabalho desenvolvido.

A experiência da leitura literária na escola

A experiência literária na escola brasileira, em grande parte, tem se pautado pela leitura de fragmentos das obras e pela interpretação imobilizada em respostas fechadas fornecidas pelos livros didáticos, como explica Zilberman (2009). Nesses casos, frustra-se a possibilidade de uma vivência de leitura que se caracterize como uma experiência mediadora entre o ser humano e o mundo.

Cândido (2011) inclui entre os direitos humanos o direito a bens como a fruição da arte e da literatura. Considerando literatura de forma ampla, o autor lembra que ela se manifesta universalmente em todas as culturas e em todos os tempos. Na sua função humanizadora,

[...] confirma no homem aqueles traços que reputamos como essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a cota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante (CÂNDIDO, 2011, p. 182).

Os avanços, nas últimas décadas, da pesquisa em literatura e em didática da literatura, explica Rouxel (2013), apontam para a necessidade de formação de um sujeito leitor sensível, aberto ao diálogo com os outros e o mundo que a literatura permite vislumbrar, capaz de expor com autonomia suas interpretações e argumentar sobre elas. Para isso, segundo a autora, a sinergia de três componentes é fundamental. O primeiro refere-se ao clima de confiança, de respeito e de diálogo estabelecido entre professor e alunos. No processo de instituição do aluno como sujeito leitor, as atividades propostas precisam contribuir para a aquisição de saberes sobre os textos, sobre a atividade lexical e sobre si próprio. O segundo componente é a literatura ensinada, baseada na diversidade do literário, no ético e no estético, no grau de dificuldade da obra proposta, preferencialmente para a leitura integral. O terceiro e último componente para a formação de um leitor de literatura é a mediação exercida pelo professor ao longo de todo o processo. Sua

ética profissional e sua experiência devem guiar as intervenções em função dos textos e das situações de leitura.

A constituição de sujeitos leitores a partir da escola requer uma “experiência ou vivência de leitura literária” (DALVI, 2013, p. 68). Entre os vários aspectos do trabalho do professor nesse processo, essa autora destaca a necessidade de incentivar o contato dos alunos com um texto de formas estéticas mais sofisticadas, que exige um certo esforço do leitor no que se refere à “compreensão situada da literatura”, quanto a seu “papel social, ideológico, histórico, político e cultural” (DALVI, 2013, p. 74). Segundo a autora, além da qualidade literária a ser considerada na escolha dos textos, o professor deve buscar publicações que tenham uma preocupação com o humano, que instiguem e provoquem e, ainda, permitam a articulação com outras linguagens e suportes.

No caso do projeto relatado neste artigo, a escolha do livro “Morte e Vida Severina” ofereceu muitas oportunidades para a articulação do texto com a vida, a história e o contextos social-econômico-cultural vivenciado pelos alunos. A prática de leitura proposta pela professora e o diálogo com imagens, particularmente a fotografia, permitiu uma experiência de interpretação perfeitamente compatível, entre muitas outras práticas possíveis, para a efetivação do que tem sido denominado letramento literário.

O letramento literário não está restrito à escola; é um processo permanente de transformação do leitor, de “apropriação da literatura não apenas como um conjunto de textos, consagrados ou não, mas também como um repertório cultural que proporciona uma forma singular – literária – de construção de sentidos” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 68). A interação verbal intensa proporcionada pela leitura do texto literário é um dos dois grandes procedimentos pelos quais se efetiva o letramento literário, de acordo com esses autores. O segundo procedimento, imbricado no primeiro, é o que permite que o leitor viva as experiências de outros pela palavra e, assim, construa e reconstrua sua identidade; ordene e reordene o mundo.

Esse intenso processo de interação verbal, segundo os autores, pode ter uma importante e decisiva participação do professor para que os alunos ampliem sua competência leitora, desenvolvam seu repertório literário, reconheçam o outro e o mundo pela experiência da literatura. Seus horizontes também podem ser alargados pelo contraste e confronto com outros textos, de diferentes formatos, para além do objeto livro.

No projeto relatado neste artigo, buscou-se ampliar a percepção dos alunos também com relação à imagem fotográfica, mostrando que tanto as fotografias jornalísticas quanto as fotografias pessoais e familiares traduzem ideias, valores, comportamentos, como explicam Ciavatta e Alves (2008). Essas imagens podem e devem ser interpretadas tendo em mente o momento de sua produção, a intertextualidade que se estabelece entre as fotografias e outros textos ou imagens e o momento da recepção dessas fotos por meio do olhar de um determinado sujeito.

Assim, no diálogo que se propôs entre a obra “Morte e Vida Severina” e as fotografias de Sebastião Salgado, buscou-se sensibilizar os alunos para o fato de que “as fotografias não são objetos isolados, independentes. São situadas em um contexto e indelevelmente marcadas por quem as produziu, pelo olhar de quem as recortou da realidade” (CIAVATTA; ALVES, 2008).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1998) sugerem que o professor trabalhe o uso reflexivo da língua, ou seja, considere todas as formas de expressão: oral, gestual, visual, representações artísticas, incluindo os gêneros literários. Esse documento assume a concepção bakhtiniana de linguagem, pela qual palavras, imagens e outros elementos visuais se entrelaçam na composição dos gêneros discursivos, também constituídos por uma dimensão dialógica (BAKHTIN, 2014). As perspectivas sobre didática da literatura mencionadas nesta seção se coadunam com a perspectiva bakhtiniana de linguagem.

O entrelaçamento de palavras, imagens e sentidos

O chamado Círculo de Bakhtin, na década de 1920, passou a analisar a produção de sentido e os efeitos da linguagem considerando aspectos sociais e ideológicos, historicamente situados. A visualidade, pois, passou a ser vinculada ao linguístico de forma que a imagem é constituinte do signo verbal. De acordo com Bakhtin (2014, p. 36):

Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a

palavra, o gesto significante etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem.

Assim, ao construir um enunciado concreto utilizando a linguagem verbo-visual, o sujeito reflete suas finalidades e as condições específicas de produção, por meio do conteúdo temático, estilo e construção composicional, dentro das esferas de circulação e recepção. Por isso, é interessante analisar todo enunciado dentro do gênero e dentro de suas especificidades de comunicação – sejam visuais ou verbais. Para Brait e Pistori (2012, p. 378), a composição de um gênero também convoca o leitor “[. . .] a explicitar as inter-relações dialógicas e valorativas (entotativas/axiológicas) que o caracterizam enquanto possibilidade de entender a vida, a sociedade, e a elas responder”.

O verbal e o visual constroem as relações dialógicas dos enunciados refletindo e refratando a realidade. Para Bakhtin (2011), todo enunciado é dialógico por natureza, ou seja, as palavras são perpassadas pelo discurso do outro e respondem ao outro. Os sujeitos assumem uma atitude responsiva-ativa em relação ao outro, discordando ou concordando. Assim, todo enunciado dialoga com outro e é constituído a partir de outro.

O dialogismo bakhtiniano pode ser explicado por três aspectos, de acordo com Fiorin (2006). O primeiro refere-se a todo enunciado constituir-se a partir de outro e, por conseguinte, expressar a relação entre sujeitos, a inter-relação entre os enunciados de um eu e um tu. O indivíduo se constitui a partir do outro e suas posições ideológicas são construídas no contexto sócio-histórico-cultural em que está imerso. Sua “consciência é formada pelo conjunto dos discursos interiorizados pelo indivíduo ao logo de sua vida” (FIORIN, 2007, p. 35). O segundo conceito de dialogismo refere-se ao fato de o enunciadador incorporar as vozes do outro em seu enunciado. O terceiro conceito refere-se ao fato de os enunciados apreenderem as vozes sociais e estabelecerem posições em relação a elas.

Por isso, a língua não é neutra. Cada enunciado é permeado pelas palavras do outro e traz tons valorativos. É um fenômeno muito complexo que merece ser examinado não “[. . .] só na relação com o seu autor (o falante), mas como um elo na cadeia de comunicação discursiva e da relação com outros enunciados a ele vinculados [. . .]” (BAKHTIN, 2011, p. 299).

Partindo de todos esses pressupostos, o projeto “Morte e Vida Severina: palavras e imagens entrelaçadas” propôs uma experiência de leitura literária em sala de aula em diálogo com o contexto social em que os alunos viviam, como é relatado na seção a seguir.

Desenvolvimento e resultados do projeto

Os 54 alunos do 9º ano, participantes do projeto, receberam com entusiasmo a proposta no segundo semestre de 2014. Primeiramente, houve a leitura do livro *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, com o objetivo de compreender o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional da obra. A leitura foi dividida por páginas. Os estudantes liam cinco folhas por semana em casa e discutiam o resultado da leitura em sala de aula com a professora. Antes de iniciar os trabalhos, houve a contextualização da obra. A docente apresentou aos estudantes a situação sócio-histórica do livro, a vida do autor, sua relação com o tema e trechos da série produzida pela Rede Globo de Televisão, na década de 80, sobre o texto.

O livro, publicado em 1950, é um poema dramático que relata a dura trajetória de um sertanejo (retirante) em busca de uma vida menos sofrida na capital pernambucana.

Num ambiente de muito diálogo em sala de aula, e confiança entre alunos e professora, foram sendo construídas as compreensões, tecidas a partir do texto, do repertório cultural dos alunos e dos novos conhecimentos que foram sendo mobilizados ao longo da leitura. Os alunos perceberam que, mesmo se tratando de um texto da década de 50, os problemas referentes à migração, fome e miséria são bastante atuais. A linguagem utilizada pelo autor do texto, com ampla musicalidade, foi bastante apreciada pelos alunos em leituras em voz alta de trechos da obra a serem comentados. Após a leitura de trechos da obra, foram sendo apresentadas fotografias produzidas pelo fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, disponíveis na internet. Os aspectos visuais das fotografias estabeleciam um diálogo com o livro, embora não tenham sido produzidas com essa finalidade. Os alunos estabeleciam relações entre o texto e as imagens e foram construindo muito bem o conceito de “vida Severina” do livro e das fotos de Sebastião Salgado.

A primeira estrofe do texto descreve o personagem Severino. Os estudantes compararam o trecho com fatos de sua realidade:

E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte Severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte Severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).

Os alunos discutiram as condições socioeconômicas dos retirantes nordestinos. Muitos deles relataram histórias de familiares que passaram pela mesma situação para chegar em São Paulo. O verso “de emboscada antes dos vinte” foi relacionado a casos de morte prematura, devido aos problemas relacionados à violência, especialmente venda e consumo de drogas. Na interpretação dos discentes, os usuários que não pagam pela droga adquirida morrem de “emboscada”. Usualmente, os consumidores são jovens de até vinte anos. Infelizmente, essa é uma situação conhecida por muitos alunos por ocorrências com a própria família ou com conhecidos.

A imagem a seguir, apresentada após a leitura da primeira estrofe, foi logo identificada pelos alunos como pés de retirantes ou pés de gente que leva uma “vida Severina”.

A seguir, foi analisado o trecho:
Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
alguns roçado da cinza.



Figura 01: Pés de retirante

Fonte: <<http://1.bp.blogspot.com/-Rg4-qC7oiZE/T9iZ0JLinKI/AAAAAAAAACew/ly3g8INgJmo/s1600/Os+pobres+trabalhadores+da+terra.jpg>>.

A abordagem gerou discussões contundentes em sala. Para alguns dos alunos, os programas sociais governamentais, como o Bolsa Família, só aumentam a miséria, pois na fala desses alunos “o dinheiro público deveria ser investido para melhorar a vida da pessoa onde ela vive”. No entanto, para outros discentes, os moradores de regiões mais afastadas não têm acesso à educação, saúde e entretenimento e, por esse motivo, precisam receber auxílio social para “ir em busca de seus sonhos”.

A Figura 2 a seguir provocou comentários sobre o sofrido trabalho nas lavouras do sertão nordestino e sobre a luta dos trabalhadores sem-terra:

Outro excerto do livro, aqui trazido como exemplificação do trabalho com a leitura da obra, foi o seguinte:

— Agora trabalharás
só para ti, não a meias,
como antes em terra alheia.
— Trabalharás uma terra
da qual, além de senhor,



Figura 02: Trabalhadores braçais

Fonte: <<http://quadrosdecorativos.net/qd-c/uploads/2014/06/sebastiao-salgado-campo.jpg>http://www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/leit_online/joao_cabral.pdf>.

serás homem de eito e trator.
— Trabalhando nessa terra,
tu sozinho tudo empreitas:
serás semente, adubo, colheita.

Mais uma vez, houve debates controversos, já que o trecho destacado se refere à morte de um lavrador. Os estudantes questionaram a invasão de sem-terra nas fazendas. Para a maioria, não é correto usurpar a terra alheia, porém, os alunos concordaram que muitos trabalhadores braçais são explorados pelos patrões e não possuem direitos trabalhistas adquiridos. Por isso, na opinião de alguns, “tem de se revoltar contra o sistema”.

Outro trecho da obra:
— De sua formosura
já venho dizer:
é um menino magro,

de muito peso não é,
mas tem o peso de homem,
de obra de ventre de mulher.
— De sua formosura
deixai-me que diga:
é uma criança pálida,
é uma criança franzina,
mas tem a marca de homem,
marca de humana oficina.

Foi ilustrado com a imagem seguinte:



Figura 03: crianças recém-nascidas

Fonte: <<http://www.correio24horas.com.br/single-guia/noticia/exodos-mostra-sobre-luta-dos-imigrantes-de-sebastiao-salgado-chega-a-salvador/?cHash=f6afa287e2dd8b06934dd6a3acaefc35>>.

Os estudantes argumentaram sobre os programas de natalidade brasileiros. Para os alunos, seria interessante incentivar a prevenção à gravidez para evitar que mais “crianças nasçam na miséria”. No entanto, o tema acirrou as

disputas entre os sexos opostos. Para as meninas, os homens deveriam também utilizar métodos contraceptivos. Já os garotos defenderam a ideia de que as mulheres são responsáveis por evitar a gravidez. Ao final, houve um consenso de que é o controle de natalidade deveria ter maior divulgação e informação por parte dos órgãos públicos.

Depois de completados a leitura e os comentários sobre o texto e as fotos, os alunos receberam a tarefa de capturar imagens no bairro do que consideravam “vida Severina”. Os recortes que fizeram da realidade impressionaram pela aplicação do conceito “vida Severina” a situações não mencionadas em sala de aula.

Em muitos casos, depararam-se com a miséria espalhada pelas ruas do bairro e visualizaram o que, antes, era invisível. Em grande parte das 60 fotos realizadas, mostraram moradores de rua no bairro. Em uma foto específica, havia um monte de lixo espalhado e, no meio, uma pessoa. Os alunos ficaram perplexos ao descobrir que o indivíduo vivia há anos naquela situação. Os discentes foram aos órgãos públicos para denunciar o descaso social. Chegaram a sugerir que os moradores em situação de rua trabalhassem como zeladores em praças para “adquirir respeito”.

Para alguns discentes, a “vida Severina” disse respeito ao trabalho braçal dos garis (varredores de rua). Viram pedestres jogando lixo no chão em frente ao funcionário da limpeza, em vez de utilizarem a lata de lixo. Consideraram que o gari foi ignorado como pessoa, desrespeitado como profissional.

Os alunos também visitaram hospitais da região e flagraram a “vida Severina” dos idosos em filas e o descaso com a saúde pública. Ficaram sensibilizados com a situação e reclamaram à vice-prefeita da cidade de São Paulo durante sua visita à escola.

Para duas alunas, os animais abandonados também levam uma “vida Severina”. Fotografaram um cachorro morto na rua e, sensibilizadas, propuseram uma campanha para adoção de animais.

As filas nos bancos e os trabalhadores de rua também não foram esquecidos. Para os estudantes, as pessoas da terceira idade têm uma “vida Severina” todos os meses por causa da espera em longas filas para receber um salário mínimo. Também consideraram pessoas que exercem a função de locutores de loja e palhaços com o objetivo de animar os fregueses como não tendo o devido reconhecimento, já que têm de levar alegria para consumidores, muitas vezes, impacientes.

Uma discente foi além do bairro onde morava. Ela visitou o centro da cidade de São Paulo e fotografou a região da Cracolândia e os “carroceiros” que transportam lixo reciclável pela cidade. Para a aluna, o problema do tráfego e consumo de drogas transcende as questões de vizinhança e deveria ter mais atenção do Poder Público.

Considerações finais

O projeto de leitura da obra “Morte e Vida Severina”, em diálogo com fotografias de Sebastião Salgado e com fotografias produzidas pelos 54 alunos do nono ano atingiu seu objetivo. Mostrou uma possibilidade de realizar uma intervenção pedagógica que se constituiu numa experiência de leitura que articulou compreensão da obra, diálogo com a fotografia, olhar crítico para a realidade e sensibilização para aspectos históricos e sociais.

Os resultados foram excelentes. Os alunos se interessaram e participaram das atividades propostas em sala de aula e fora dela. As fotografias produzidas demonstraram a compreensão da crítica social apresentada no texto literário, estabeleceram relações dialógicas com a obra e com as situações de “vida Severina” observadas no próprio bairro e fora dele.

Pode-se concluir que, com práticas pedagógicas dessa natureza, o professor pode incentivar a leitura literária de forma dinâmica e descontraída e, ainda, promover a mediação necessária para o desenvolvimento da capacidade leitora e do posicionamento crítico do aluno. Pode, ainda, motivá-lo a ler outros textos, ampliando sua vivência de leitura literária.

Referências

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 16 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BRAIT, B.; PISTORI, M. H. C. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. *Revista Alfa*. São Paulo, v. 56, n. 2, p. 371-401, 2012. Disponível em <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/5531/4343>. Acesso em: 17 dez. 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CÂNDIDO, A. *Vários escritos*. 5ª ed. corrigida pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CIAVATTA, M.; ALVES, N. *A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

DALVI, M. A. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L. de; JOVER-FALEIROS, R. (Org.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 67-96.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

_____. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2007.

MELLO Neto, J. C. *Morte e Vida Severina*. Disponível em <http://www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/leit_online/joao_cabral.pdf>. Acesso em 17 dez. 2016.

PAULINO, G.; COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. (Org.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009. p. 61-79.

ROUXEL, A. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L. de; JOVER-FALEIROS, R. (Org.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 17-33.

ZILBERMAN, R. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. (Org.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009. p. 17-39.

recebido em 12 fev. 2017 / aprovado em 29 maio 2017

Para referenciar este texto:

QUARANTANI, A. P.; ROSSI, M. A. G. L. Morte e Vida Severina: palavras e imagens entrelaçadas. *Dialogia*, São Paulo, n. 26, p. 121-134, maio/ago. 2017.